

KIERKEGAARD CONTRA UNAMUNO: NAS ANTÍPODAS DO SENTIMENTO

Oscar Parcerero Oubinha

Universidade de Santiago de Compostela (Galiza)

Existem numerosos estudos sobre a relação existente entre Miguel de Unamuno e Søren Kierkegaard, muitos dos quais têm por teimoso propósito argumentar a existência de uma funda afinidade geral entre o filósofo-basco-reitor-de-Salamanca e o *flaneur* dinamarquês; uma relação *a priori* evidentemente unívoca (por imperativo cronológico, quando menos), que talvez deveríamos qualificar mais exatamente como equívoca. Acontece que uma boa parte desses estudos existentes têm o seu ponto de partida em uma assunção um bocado acrítica por demais dos apaixonados postulados unamunianos de alegada comunhão espiritual com o seu “irmão Kierkegaard”. E é assim que, desde um ponto de partida tão elevado, esses estudos logo descem, bem rápido ladeira abaixo, arrastando com aquele tão determinante como questionável critério hermenêutico todas as dimensões da suposta “parceria”.

Deste jeito, são simplesmente equiparadas, nomeadamente, as leituras que da fé fazem Kierkegaard e Unamuno: para os dois, a fé seria a aposta apaixonada feita pelo sujeito de costas à razão, na procura de uma salvação que esta não oferece. O sujeito acredita *contra* a razão: eis aqui, portanto a afinidade de Kierkegaard e Unamuno no relativo à valoração da razão, argumentam.

E além disso, o *páthos* mesmo das obras, dize-se-nos, é um mesmo, ou quando menos muito semelhante. Os dois autores, muito próximos ao *existencialismo*, mostram-nos o rosto mais *agônico*, ou *trágico* da fé cristã. A *irmandade* reivindicada por Unamuno teria, em suma, correspondência e justificação nas mesmas obras dos dois autores.

Nas escassas páginas a seguir, tentarei ligeiramente (por demais) argumentar o que eu acho uma errada leitura da relação entre Kierkegaard e Unamuno, que se fundamenta, como digo, em uma comunhão também muito apaixonada com a apaixonada “irmandade espiritual” reclamada por Unamuno. (Repare-se, aliás,

que este gênero de interpretações não ficou reduzido a leituras mais “pessoais”, ou simplesmente mais velhas, de quando o conhecimento de Kierkegaard era para muitos bem limitado, senão que até nos nossos dias e em círculos bem acadêmicos se mantém bem ativa a teimosia da suspeita irmandade espiritual e até intelectual dos dois autores).

Para o meu fugaz argumento, concentrar-me-ei em duas questões bem significativas: a primeira, as diferentes concepções da verdade de um e outro; a segunda, a leitura que “antecipa” Kierkegaard da “unamuniana categoria” do *sentimento trágico*.

VERDADE SUBJETIVA E SUBJETIVISMO

O mais destacado “pseudônimo filosófico” kierkegaardiano, Johannes Climacus, faz na *Apostila concluinte não científica* uma apresentação muito clara da concepção da verdade. O ponto de partida de Climacus são as duas concepções tradicionais da gnoseologia: racionalismo e empirismo. A primeira, explica Climacus, define como verdade a adequação do ser ao pensamento; a segunda, pelo contrário, fala da necessidade de adequação do pensamento ao ser. A diferença está muito longe de consistir em um pequeno matiz sintático; ela consiste, antes, em uma literalmente contraposta valoração do lugar da razão no conhecimento. Para o racionalista, a verdade está *já* no pensamento, é lá que aquela acontece, quando o filósofo comprova como a realidade exterior se adapta ao que ele próprio já estabeleceu *a priori*. Para o empirista, inversamente, a verdade fundamenta-se na realidade exterior das coisas, e é agora o pensamento o que se tem de adaptar a esta. Em um e outro caso existe adequação entre sujeito e objeto, porém que esta seja em uma direção ou em outra vai determinar que a razão *ordene* ou *obedeça* a realidade.

A contraposição é apenas, como digo, ponto de partida para o senhor Climacus. Pois ele diz que *hverken-eller*: nem uma nem outra. Antecipando-se bem claramente à alegada revolução nietzscheana, Climacus destrói a objetividade metafísica protestando: mas, o que é aquele “ser” da adequação ser-pensamento? A resposta dele: o indivíduo, *den enkelte*, aquele que vive, ou seja, por exemplo, o mesmo Climacus. E o indivíduo, continua, o indivíduo *existente*, não é um objeto concluso: ele é um *sujeito*, cuja existência é *aberta, inconclusa* (não por acaso, explicitamente o contrário da *obra* de Climacus).

O que isto significa é que o sujeito não está “em condições” de se adequar a nenhum daqueles esquemas, quer racionalista quer empirista. É preciso conceber a verdade doutro jeito: como adequação, sim, mas do pensamento (da *idéia*) ao sujeito. Ou seja, como Kierkegaard tinha já reclamado anos atrás em Gilleleje, é preciso encontrar “uma verdade que seja verdade *para mim*”.

Climacus leva-nos assim a um novo espaço, com certeza pós-moderno, em que as concepções da verdade obedeçam ao novo sujeito não-metafísico, o indivíduo, que tem um interesse próprio pela verdade *para ele*. E neste novo espaço, xurdem então duas novas versões de adequação. Chamemos-lhes “verdade subjetiva” e “verdade subjetivista”.

Mais uma vez a diferença consiste apenas na direção em que seja levada a adequação. A “verdade subjetiva” ou “verdade da subjetividade”, que é a que o próprio Climacus defende, exige ao indivíduo adaptar-se à *idéia* (“pela qual viver e morrer”). Há apenas uma verdade –melhor: uma *idéia* verdadeira–, e só adequando-se a ela, só vivendo de acordo com ela, poderá o indivíduo viver em verdade. Embora não seja necessário para a questão gnoseológica mesma, pode ser interessante repararmos em que para Climacus esta única verdade é a *cristã*. A *idéia* à que se adequar o sujeito tem de ser, entende Climacus, o *cristão* (e não perguntamos agora por quê, porque significaria desaguar em Vigilius Haufniensis e Anti-Climacus e as análises psicológicas e fenomênicas que eles fazem para *mostrarem* a verdade do *cristão*).

Inversamente, o *subjetivismo* entende que *qualquer uma* “verdade” pode ser a *verdade* (para mim: *a minha verdade*). Aqui temos, por exemplo, a “Vontade de poder” nietzscheana, responsável de lhe ter concedido ao alemão o título de artífice da pós-modernidade, embora fosse apenas fazendo o mesmo que já décadas antes tinha feito Climacus. “Verdade”, enfim, é qualquer coisa que *eu* predique “verdadeira”. Simplesmente.

Mas o alemão não é o único *subjetivista* que nos interessa. Anos antes, Climacus já falava também de um *subjetivista*, sem dúvida exemplar: Don Quijote. O cavaleiro de *La Mancha* criava uma verdade de seu, e um mundo de seu, apenas com a vontade infinita da paixão. Ou seja, a *Vontade de poder* nietzscheana.

E não por acaso foi o mesmo Don Quijote figura central no pensamento desse outro espanhol (“*hasta la médula*”), Miguel de Unamuno y Jugo. Para Unamuno, Don Quijote não é o louco *subjetivista* que á para Climacus, o louco que confunde a verdade da existência própria com as tolices da fantasia dele; ele é, pelo

contrário, o “cavaleiro da fé”, nada menos. Pois para Unamuno, a verdade é mesmo *quijotesca*: não há jeito nenhum de saber o que seja em si mesmo verdade, e assim o indivíduo tem de abraçar apaixonadamente a *idéia*: qualquer uma. É verdade que para Unamuno a *idéia* abraçada é a fé cristã, e por isso salientava eu antes a importância de ser a fé cristã também o ponto de chegada de Climacus: porque é em parte por causa disto que xurde a miragem de “irmanar” Kierkegaard e Unamuno a este respeito. Acriticamente.

A paixão *quijotesca* de Unamuno abraça a fé “sem mais”; não é o caso de Kierkegaard, que nos descreve na obra dele a fundamentação psicológica e fenomênica da verdade subjetiva, *não subjetivista*, da fé cristã. O paradoxal em Unamuno fica longe de ter a relevância filosófica que tem na obra *kierkegaardiana*. O irracionalismo unamuniano não tem nenhuma equivalência na obra do dinamarquês, que revela um aprofundamento na razão imensamente mais rico.

A pequena lição de gnoseologia que nos oferece Climacus na *Apostila*, em conclusão, deveria servir-nos para desvelar a enorme distância que separa Unamuno do seu alegado “irmão”. Talvez o *sentimento* unamuniano fosse bem de irmandade, mas isso de jeito nenhum justifica a mera deslocação acadêmica dessa irmandade a um outro contexto, o filosófico, em que a irmandade dos autores é simplesmente inexistente.

SENTIMENTO TRÁGICO, SENTIMENTO CÔMICO

Vamos continuar com Johannes Climacus. E com a *Apostila concludente não científica*. Nesta mesma obra, o brincalhão pseudônimo *kierkegaardiano* nos entrega mais uma contraposição de grande relevância no tocante a essa ingenuamente alegada irmandade Kierkegaard-Unamuno: a apresentação dos conceitos do *cômico* e o *trágico*.

Do mesmo jeito que racionalismo e empirismo ou subjetivismo e subjetividade eram uma mesma coisa vista desde pontos opostos, o *cômico* e o *trágico* obedecem também para Climacus a uma mesma coisa: a contradição. Lá onde há contradição, explica Climacus muito simplesmente, está presente quer o *trágico* quer o *cômico*. *Enten-eller*. Então, qual é a diferença? O padecimento. Quando o indivíduo padece a contradição, porque afunde nela, tem lugar o *trágico*. Se, pelo

contrário, o indivíduo “vê a saída” à contradição, então é o cômico que tem lugar. Agora o indivíduo não afunde, mas boia alegre por cima da contradição.

Qual é a mais *pesada* contradição? Nisto Kierkegaard e Unamuno concordam: a existência própria. A mistura de finitude e infinitude, de transcendência e imanência, de corpo e alma, etc., é determinante da contradição em que vivem todas as pessoas. Porém a atitude dos dois autores a respeito dessa contradição é muito diferente: o espanhol é trágico: ele gosta imenso do tragicismo, recreia-se (leia-se a obra, não a pessoa: o se recrear a obra libera a pessoa) na luta que tem lugar entre os dois pólos da contradição, e é assim que entende a vida toda como uma *agonia*, ou seja, uma luta *para a morte*, luta sem fim. A *agonia* é conceito central em Unamuno, e central é também o *sentimento trágico*, que, aliás, dá título à mais importante obra do “reitor de Salamanca”.

Por acaso detectamos alguma semelhança com algum jeito de “sentimento trágico” no dinamarquês? Dificilmente; muito dificilmente. De fato, e pelo contrário, as descrições do tragicismo e a “agonia do cristianismo” unamunianas reverberam sensivelmente o que Anti-Climacus, antes mencionado, descreve como *desespero* em *A enfermidade para a morte*. A *agonia* unamuniana é um exemplo “de livro” (literalmente –por acaso!) da terceira forma de *desespero* das que nos fala Anti-Climacus.

Como é sabido, conforme argumenta Anti-Climacus, o *desespero* pode ter lugar em: um *Eu* que não seja consciente de ser o que é; um *Eu* que seja consciente, mas não queira ser *si mesmo*; e finalmente, um *Eu* que seja consciente e queira também ser *si mesmo* –mas não o consiga. Este terceiro *desesperado* loita *agonicamente* por ser *si mesmo*, pela *própria* verdade, mas padece a impotência, não pode consegui-lo: e se afunde *tragicamente*. Noutras palavras, Unamuno!

Kierkegaard, pelo contrário, faz um muito importante elogio do cômico ao longo de toda a obra “própria e pseudônima” (?). Não ignora o trágico, com certeza, e sem dúvida poderíamos aventurar, ou mesmo diretamente afirmar que o indivíduo Severino deveu ter sofrido *tragicamente* abondo, mas todo isto está muito longe de justificar uma *analogia unamuniana*. Porque a obra kierkegaardiana não é de jeito nenhum uma apologia do *sentimiento trágico*; pelo contrário, ela é antes uma apologia do cômico:

Em primeiro lugar, a obra reivindica externamente o valor do cômico. Não por acaso ironia e humor, as duas mais importantes formas do cômico, têm uma presença central no pensamento kierkegaardiano como *confinia* entre “estádios

da existência”. Também não por acaso Kierkegaard dedicou a tese de doutoramento à ironia (após ter rejeitado o seu projeto inicial, sobre a sátira: seguramente ao descobrir a mais funda dimensão da ironia), e a obra filosoficamente mais significativa, a *Apostila*, é assinada por “um humorista”.

Em segundo lugar, a obra mesma é internamente em boa medida cômica: um exercício, uma prática (*Indøvelse*) do que em *Sobre o conceito de ironia* é por vez primeira apresentado como projeto a desenvolver (embora não seja exatamente deste jeito descrito). A imensa brincadeira que é a *Apostila concluinte não científica* de Johannes Climacus é apenas um exemplo do freqüente brinco que são muitas das outras obras: brincos com a linguagem, brincos com o leitor, brincos com o significado. O que é que nos diz Kierkegaard, isso ou o outro? Nem isso nem o outro: *hverken-eller*.

A obra kierkegaardiana, enfim, está muito longe de partilhar o espírito *trágico* tão do gosto de Unamuno. Pelo contrário, é o espírito cômico o que mais facilmente agoma entre os livros. Encontramos também o trágico, com certeza, mas em nenhum momento detectamos que o trágico *tome o poder* da obra, imprima o *sentimento* sobre a obra. Pois a obra kierkegaardiana conduz-se sempre em direção á superação da fé, não em direção ao desespero por ela.

A razão de que a obra kierkegaardiana tenha mais um *sentimento* cômico do que um trágico está em que –se volvemos às explicações de Climacus– Kierkegaard “vê a saída”: a fé cristã. Não podemos sem mais afirmar que Kierkegaard tivesse fé, não, mas com certeza a obra dele está escrita na perspectiva da fé, não na perspectiva do *desespero* pela fé: não na perspectiva unamuniana.

CONCLUSÃO

As diferentes concepções da verdade e os diferentes *sentimentos* das obras (o *páthos* de cada uma), uma e outra questão, separadas e conjuntamente, mostram-nos duas obras essencialmente bem diferentes: a de Unamuno, uma obra trágica, que *desespera, agoniza* por uma fé que percebe simplesmente irracional e que irracionalmente, cegamente, tem de ser abraçada. A de Kierkegaard, pelo contrario, é mais que tudo uma obra *cômica*, que não se recreia no irracional, senão que afunda no encontro da razão com o paradoxal e brinca filosoficamente para mostrar os limites do pensamento, do discurso; uma obra que reflete não a escolha cega de “qualquer uma” verdade, mas de “a verdade”, a

qual é psicologicamente e fenomenologicamente “argumentada” –além de gnoseologicamente, como vimos.

A obra de Unamuno é abertamente pessimista: *A agonia do cristianismo* e *Do sentimento trágico da vida* são talvez os títulos mais representativos do pensamento unamuniano. Bem eloquentes. Muito longe deles ficam *As obras do amor* ou os *Discursos edificantes* (do lado mais “serio” da fé) e a *Apostila concluinte não científica* ou os *Prefácios* (do lado mais brincalhão da filosofia) de Kierkegaard.

Não é preciso dizer que existem nas obras de Kierkegaard e Unamuno elementos comuns. É o caso da pseudonímia e de alguns brincos retóricos, por exemplo; ou também do sofrimento, cara “negativa” da paixão que os dois autores partilham (embora de jeitos bem diferentes), o qual é perceptível na escritura de um e outro. Mas o sofrimento, a paixão, são simplesmente algo humano, e não criam sem mais irmandades intelectuais. E a questão da pseudonímia é um vencilho muito fraco para falarmos sem mais de proximidade dos dois autores.

Em suma, a paixão de Unamuno por Kierkegaard é, evidentemente, admissível e compreensível. Mas não acontece o mesmo com a paixão de alguns intérpretes que têm querido corroborar e dilatar a alegada “irmandade” dos dois autores, perpetuando um falso Kierkegaard unamuniano que contradiz os mais importantes fundamentos filosóficos do pensamento kierkegaardiano.